

PELO AMOR DE DEUS, SALVE MEU BEBÊ!

James Patridge não sabe explicar o que aconteceu naquela manhã; talvez nenhum ser humano o possa fazer. SAMUEL A. SCHREINER, JR.

UM DIA, no princípio de junho do ano passado, Sean, de dois anos e meio, entrou no banheiro onde sua mãe, Tammy Kroll, estava secando o cabelo; apontando para a cozinha, balbuciou, «Bebê... na água.» Vai ver, Jennifer derramou de novo água no chão da cozinha, pensou Tammy, aborrecida por ter de enxugá-lo novamente.

Correu para a cozinha, onde reparou que a porta dos fundos estava aberta. Não havia quaisquer sinais de Jennifer, de um ano. Que é que está acontecendo? interrogou-se ela.

Em pânico, saiu correndo para o deque da piscina. Nem sinal de Jennifer. Meu Deus! A piscina! pensou Tammy. A água tinha apenas pouco mais de um metro de profundidade, mas estava suja do longo inverno e ela não conseguia enxergar o fundo. Tammy mergulhou imediatamente na água gelada. Horrorizada, viu um corpinho de vestido vermelho subir à superfície. Era Jennifer.

Tammy pegou no corpo inerte da menina e saiu da piscina. Procurou o pulso de Jennifer: nada. Verificou a respiração: nada. Os dedos e os lábios dela estavam azuis; os braços pendiam como os de uma boneca de trapo. «Jennifer, querida!»

Carregando a criança nos braços, Tammy correu para a cozinha, pegou no telefone de parede que ficava atrás da porta e discou para chamar a telefonista. O telefone tocou e continuou a tocar. Vamos! Vamos! implorou ela. Finalmente, uma voz gravada apareceu na linha: «Devido a um acúmulo de trabalho, não nos é possível completar agora a sua ligação.» Tammy desligou com violência.

RCP, pensou ela, deitando a bebê no chão da cozinha. Ressuscitação cardiopulmonar. Tenho de dar oxigênio a Jennifer! Segundo aprendera com seu instrutor de RCP no ginásio, Tammy sabia que cada segundo contava. Colocou sua boca sobre o nariz e os lábios da filha. Soprar. Parar, Soprar. Parar. Aí levantou a cabeça e começou a gritar por socorro.

NA RUA por trás da casa dos Kroll, num subúrbio de Chicago, James Patridge, um homem louro e barbudo, de 38 anos, respirou profundamente o ar fresco da manhã. Era bom estar vivo - sentia-se sempre grato por isso. Vinte anos antes, no Viet-Nam, ficara sem as pernas, decepadas acima dos joelhos por uma explosão; ficara também cego de um olho e quase cego do outro.

Ele estava levando a lata de lixo para a rua; havia-a colocado no suporte para os pés da sua cadeira de rodas quando ouviu um grito. Piscou os olhos na direção do som, depois largou a lata e guiou a cadeira de rodas rua abaixo. Atravessou a rua e rolou pela superfície acidentada de um terreno baldio; aí parou e escutou. Dessa vez, o grito da mulher' pareceu soar mais próximo. Sentiu um choque.

Eram exatamente como os gritos naquele dia no Viet-Nam, 31 de março de 1966, em algum lugar nos arredores de Da Nang. James seguia à frente, enquanto o seu pelotão de fuzileiros navais atravessava um capinzal. De repente, explodiu uma mina, ferindo mortalmente os homens logo atrás dele. A força da explosão atirou-o longe. Perto, alguém gritava: «Não me deixem morrer!»

Sem pernas e quase cego, James Patridge vivia de uma pensão governamental da Administração de Veteranos de Guerra norte-americanos. Os dois filhos de seu primeiro casamento moravam nas proximidades, com a mãe. Em 1981 casara-se com Sue Fowler e perfilhara o filho pequeno dela. James passava a maior parte do tempo em empregos ocasionais e brincando com os filhos.

«James! James!» Era Sue, chamando por ele: A voz aproximava-se; não parou para olhar para trás. Impeliu as rodas com mais força. Pequenas pedras e gravetos atrapalhavam as rodas da cadeira. Apesar do frio matinal, o suor escorria-lhe pelo rosto e pelo peito.

«Onde é que você está?» gritou ele para a voz que ouvia.

Os gritos pararam. «Aqui! Por aqui!»

Sue chegou perto dele.

«Consegue ver alguma coisa?» perguntou James.

«Não, há uma sebe ali em frente, de arbustos tão cerrados que não se vê através deles.» Sue estava aterrorizada. Não conseguia entender bem os gritos, e julgou ouvir: «Não me viole!» Isso podia significar que alguém estava sendo ameaçado com uma arma ou uma faca.

Mas Sue sabia que nada deteria James. Pouca coisa havia que ele não conseguisse fazer, quando se resolvia a isso. Tratava do carro, cortava a grama, lutava de brincadeira com os filhos. Cobrira os 80m do terreno nuns minutos apenas.

James cedo aprendera a ser decidido. Tendo crescido numa fazenda perto de Clay City, no sul do Illinois, ele era o menor de seis filhos que lutavam duramente por tudo o que tinham. No ginásio, James decidiu entrar para os fuzileiros navais - e assim foi. Formou-se numa sexta-feira, em maio de 1965, e na segunda-feira já estava num campo de treinamento em San Diego, Califórnia.

Ouviu-se outro grito; James rolou da cadeira de rodas para o chão, arrastou-se por cerca de um metro através do mato e ergueu-se sobre as mãos. Então rastejou em direção à casa. Tenho de chegar lá depressa! pensou.

A casa dos Kroll ficava a 25 m do matagal. Sue subiu correndo os oito degraus de madeira, do gramado até a cozinha.

Empurrando com os cotos e erguendo-se com as mãos, James também subiu os degraus.

<Pelo amor de Deus, salve meu bebê!» gritava Tammy.

Salvar de quê? interrogou-se James. Que é que está acontecendo?

Olhando para cima, Tammy viu uma mulher correndo em sua direção. «Chame uma ambulância!» implorou. Para Sue, a criança parecia morta; estava azul, tinha os olhos revirados; sentiu-se agoniada

«James, disco o zero ou o 911?»

«É melhor tentar o 911», disse James. Sua voz era calma. Acercou-se tão rapidamente de Tammy que ela nem reparou que ele não tinha pernas.

James procurou a pulsação no pescoço do bebê: não havia nenhuma. Tocou-lhe a pele: apresentava o frio gelado que ele aprendera a reconhecer no campo de batalha - o toque frio da morte. Há quanto tempo estará ela morta? pensou. Tinha consciência de que cada segundo sem oxigênio aumentava as probabilidades de lesões cerebrais.

Olhando mais de perto, James viu então que Tammy estava fazendo errado a RCP. Dez anos antes, ele tirara um curso de RCP, - apenas- para passar. o tempo. Afinal de contas, por que iria um homem sem pernas ter de salvar a vida de alguém? James recordou a primeira regra: abrir as - vias respiratórias. Tirou a criança- a Tammy e, inclinando-lhe a cabeça - para trás, verificou se ela respirava. Nada encontrando, tentou sem êxito insuflar-lhe ar nos pulmões. A fim de desimpedir as vias respiratórias bloqueadas,, pressionou-lhe suavemente ,o estômago. A água jorrou da boca e do nariz do bebê. Deitou a criança de costas e iniciou a técnica. rítmica de -sopro/pressão da RCP.

Nos intervalos, James falava baixinho com Jennifer, incitando a criança a voltar à vida. Então, ao - longe, ouviu sirenas, mas apenas porque estava ansiando escutá-las e rezando intimamente para que chegassem. Agora sabia que a ajuda vinha a - caminho. Finalmente. Respirar, pressionar, contar... respirar, pressionar, contar...

Enquanto as sirenas se aproximavam, James sentiu subitamente uma ligeira, tremura, um ofegar em busca de ar. «Ela está tentando respirar», disse ele a Tammy. «Senti uma batida de coração!» As pulsações, contudo, eram fracas -e irregulares! Por isso James-prosseguiu a RCP, esquecendo tudo além do fugaz tremular de vida, em suas mãos. Depois, subitamente, tomou consciência de pessoas entrando correndo e ajoelhando-se junto dele e do bebê.

Os primeiros a chegar foram o capitão William Enders e o bombeiro Peter Daly, técnicos de emergência médica do Windfield Fire Protection District. Eles aspiraram as vias respiratórias do bebê e colocaram uma máscara ligada a uma garrafa de oxigênio sobre o seu pequeno rosto. Jennifer estava respirando!

- Pouco depois, os paramédicos Michael Turner e Kelly Kindelin, do Leonard Ambulance Service, chegaram correndo. Verificaram a pulsação do bebê: era de apenas 50 batidas por minuto; em comparação com a média de 100 -de uma criança normal. Quando Turner tentou inserir um tubo endovenoso, Jennifer gritou.

- James sentiu a tensão abrandar. «Ela está bem; vai conseguir», disse-lhe Sue baixinho.

Depois de a ambulância partir, James arrastou-se lentamente até os degraus e desceu-os. Então, erguendo-se sobre as mãos, rodou o corpo cansado para a cadeira de rodas. Minutos depois, estava de volta à sua garagem, carregando a lata de lixo.

Aquele ia ser um bom dia.

No Hospital Central Du Page, -Jennifer recuperou-se rapidamente. A água fria da piscina- a protegera de lesões cerebrais. A RCP de James Patridge fizera o resto.

- Quando Tammy e seu marido, Michael, contaram como um vizinho salvara a vida de Jennifer, os jornais e estações de televisão transformaram James num herói nacional. Choveram telefonemas de admiradores. Muitos haviam sido colegas seus, veteranos da guerra no Viet-Nam, que sentiam um, compreensível orgulho pelo que ele fizera. Um veio dos organizadores de uma marcha de veteranos do Viet-Nam programada para as celebrações do Dia da Bandeira. Queriam que James aceitasse ser o chefe honorário da parada e que encabeçasse a marcha pelas ruas de Chicago. Sendo um homem reservado, James tem tendência para afastar-se de organizações desse tipo, mas concordou em juntar-se à marcha porque, como diz, ainda acredita na causa pela qual perdeu as pernas. Mas recusou muitas outras homenagens, presentes e convites para manifestações; queria voltar à sua vida calma. Passados dois dias após o quase afogamento de Jennifer, Michael e Tammy foram visitar James. O casal estava trazendo Jennifer de volta para casa. Michael colocou Jennifer nos braços de James e ele a abraçou, falando-lhe carinhosamente. Algo aconteceu na manhã do salvamento que James ainda hoje tem certa dificuldade em explicar. «Acho que o que aconteceu foi o seguinte», diz ele, «quando morre um ser humano — e Jennifer estava morta —, um mortal como eu nada pode fazer.» Embora não se considere um homem religioso, James acha que foi apenas o instrumento de um ser superior. Tudo o que os Kroll sabem é que haviam perdido a sua filhinha naquela manhã — e que James Patridge apareceu para trazê-la de volta à vida. Para eles, essa explicação chega perfeitamente.